

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10639/2003

Zélia Consuelo Rodrigues da Silva¹

Dra. Tania Nunes Davi²

RESUMO:

Esta pesquisa foi desenvolvida com o apoio da bolsa do PIBIC/FAPEMIG e teve como objetivo geral levantar, apresentar e analisar práticas para a implementação da lei 10639/2003 nas escolas de Ensino Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Após a fase de leitura teórica sobre o tema por meio de artigos, teses e livros, procuramos elencar propostas pedagógicas sobre a diversidade e o combate a discriminação racial e construir exemplos próprios de estratégias pedagógicas e como aplicá-las no cotidiano da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Mapeamos e montamos projetos com estratégias pedagógicas que proporcionem a construção de uma identidade positiva nos alunos afro-descendentes e a diminuição do preconceito por meio do conhecimento da diversidade cultural presente na sociedade brasileira. Para tanto construímos projetos que priorizassem a utilização de diversos gêneros textuais, o trabalho em grupo, a pesquisa e a interdisciplinaridade. É preciso construir estratégias pedagógicas que permitam aos alunos criticarem suas posturas preconceituosas e etnocêntricas. Cabe ao professor se municiar de conhecimento e desenvolver práticas pedagógicas que permitam aos alunos de todas as etnias ter acesso a diversidade cultural brasileira, para isso ele não pode e não deve esquecer que o Brasil é múltiplo e que a proposta do estudo da história e da cultura africana e afro-descendente no Brasil não visa criar uma sociedade dicotomizada entre negros e brancos, mas permitir que todos se respeitem, se conheçam e interajam sem preconceitos ou discriminação valorizando o que cada etnia contribuiu para a formação da cultura deste país.

PALAVRAS CHAVE: Educação. Práticas pedagógicas. Lei 10639/2003.

ABSTRACT:

This research was developed with the support of the scholarship PIBIC / FAPEMIG and had as main objective to raise, present and analyze practices for the implementation of Law 10639/2003 Early Childhood Education in schools and early years of elementary school. After the phase of theoretical reading of the theme through articles, theses and books, pedagogical proposals seek to list on the diversity and fighting racial discrimination and build own examples of teaching strategies and how to apply them in everyday Childhood Education and years the early elementary school. Mapped and set up projects with pedagogical strategies that provide the construction of a positive identity in students african descent and the reduction of prejudice through knowledge of cultural diversity in

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da FUCAMP/FACIHUS. E-mail: zconsuelo@hotmail.com

² Dra. em História, professora da FUCAMP/FACIHUS, e-mail: taniandavi@gmail.com

the Brazilian society. For this construct projects that prioritize the use of various text genres, group work, research and interdisciplinarity. We must build teaching strategies that allow students to criticize their prejudiced and ethnocentric attitudes. The teacher is equip knowledge and develop pedagogical practices that allow students of all ethnicities have access to Brazilian cultural diversity, so he can not and should not forget that Brazil is multiple and that the purpose of the study of history and african and african - decent crop in Brazil is not intended to create a dichotomized society between blacks and whites, but allow everyone to respect , to meet and interact without prejudice or discrimination valuing what each ethnic group contributed to the formation of the culture of this country .

KEY-WORDS: Education. Pedagogical practices. Law 10639/2003.

1. Introdução

A pesquisa apresentada neste artigo foi fruto de uma proposta desenvolvida ao longo de 2013 com bolsa de Iniciação Científica do PIBIC/FAPEMIG, buscando apresentar algumas estratégias para que os professores implementem a lei 10639/2003.

A Lei 10639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas veio atender a necessidade de reconhecimento da contribuição negra a história e a cultura diversificada do Brasil. Apesar desta iniciativa, ainda não se produziu um efetivo projeto que permita aos professores aplicar esta lei no cotidiano escolar. Em parte isso se deve ao fato do educador não ter sido preparado, ou seja, não ter conhecimento de como ministrar o conteúdo/tema. Por outro lado temos uma carência de materiais destinados à temática e que possam ser utilizados pelos professores em todos os níveis de ensino.

É preciso construir uma identidade negra positiva no aluno afro-descendente e promover a diminuição do preconceito contra ele. Preconceito este expresso de forma aberta ou velada com apelidos, anedotas satíricas, ditos populares, discriminação do negro durante brincadeiras ou festas com dança, etc. O professor, frente a estes acontecimentos, deve desenvolver

Um olhar atento sobre a realidade do povo brasileiro mostra uma sociedade multirracial e pluri-étnica que faz de conta que o racismo, o preconceito e a discriminação não existem. No entanto, afloram a todo momento, ora de modo velado, ora escancarado, e estão presentes na vida diária. (LOPES, 2005 apud MUNANGA, 2012, p. 186)

Esta “vida diária” inclui a escola e as relações que os alunos estabelecem entre si e com os professores. Devemos estar preparados conceitualmente e na prática para discutir o racismo e atacá-lo nas suas bases. As ações da escola devem permitir que os alunos conheçam a cultura negra, mostrando a eles que brancos, pardos, negros e outras etnias têm as mesmas possibilidades de aprendizagem, que a diversidade cultural e racial do Brasil é uma das nossas características mais marcantes.

2. Objetivos

A pesquisa teve como objetivo geral levantar, apresentar e analisar práticas para a implementação da lei 10639/2003 nas escolas de Ensino Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

3. Aspectos teóricos do tema: em busca da construção de uma identidade positiva para os afro-descendentes

Um dos objetivos da Lei 10639/2003 é a valorização e o conhecimento mútuo entre as diversas etnias que formam a sociedade brasileira. Conhecer e valorizar a diversidade é indispensável para que a cidadania se fortaleça, daí a necessidade de discutirmos como construir uma identidade positiva dos afro-descendentes para que eles não tenham vergonha da sua história, da sua cultura, da sua etnia³.

No entanto, o que se percebe é que

O preconceito racial e o racismo no Brasil se manifestam no cotidiano das relações pessoais, na mídia, nas empresas (quando dos processos de contratação, políticas de promoção e na tomada de decisão sobre as demissões), nas escolas e universidades (no cotidiano escolar, no racismo em sala de aula, nos livros didáticos, nas estruturas curriculares, nas bolsas de pesquisas concedidas para pessoas negras e temas reportados às relações raciais), nas lojas, nas livrarias e bibliotecas, nos hospitais, clínicas médicas e postos de saúde, nos tribunais, nas delegacias, nos

³ Etnia “designa um grupo social que se diferencia de outros por sua especificidade cultural. Atualmente o conceito de etnia estende-se a todas as minorias que mantêm modos de ser distintos e formações que se distinguem da cultura dominante.” (PCN de Pluralidade Cultural, 2013, p. 132) No Brasil podemos perceber várias etnias como: a indígena, a negra ou afro-descendente, as etnias imigrantes (árabe, italiana, japonesa, etc.)

processos eleitorais, e mesmo, infelizmente, no interior das famílias, pois, por intermédio de diversos trabalhos acadêmicos, sabe-se que existem não poucos casos de crianças negras, na hipótese de terem irmãos ou irmãs de pele mais clara, que tendem a ser proporcionalmente mais discriminadas, inclusive pelos próprios pais. (PAIXÃO, 2013, p. 25-26).

Não devemos deixar que o preconceito racial seja visto e sentido como algo natural, normal e comum. Pelo contrário, precisamos lutar diariamente contra as suas manifestações. Só por meio do reconhecimento que o preconceito existe, mesmo que de forma velada, é que poderemos combatê-lo e viver em um país que respeite realmente o direito do outro de ser diferente. Uma necessidade que não é apenas restrita a etnia negra mais que perpassa a nossa cultura. Para construirmos uma sociedade plural e democrática que respeite os

diferentes grupos e culturas que a constituem. A sociedade brasileira é formada não só por diferentes etnias, como também por imigrantes de diferentes países. Além disso, as migrações colocam em contato grupos diferenciados. Sabe-se que as regiões brasileiras têm características culturais bastante diversas e que a convivência entre grupos diferenciados nos planos social e cultural muitas vezes é marcada pelo preconceito e pela discriminação. O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. (PCN Pluralidade Cultural, 20013, p.117)

No caso desta pesquisa focamos na etnia negra e nos afro-descendentes que compõem uma parte expressiva da população nacional. Segundo dados do IBGE⁴, de 2010, a população brasileira que se declara negra é de 7,6%, ou seja, 15 milhões, e a que se declara parda é de 43,1% (82 milhões)⁵. Estes dados apontam que 50,7% da população brasileira é composta de não brancos. Diante destes números a sociedade e a escola não podem se omitir. É necessário reconhecer a diversidade etnocultural e propor estratégias para que ela seja conhecida, compreendida e reforçada no ambiente escolar com o objetivo

⁴ IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁵ Estes dados foram retirados de:

CENSO 2010 mostra as características da população brasileira. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/07/02/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>> Acesso em: 11/07/2013.

superar o preconceito e a discriminação por meio de ações cidadãs e de preceitos éticos que norteiem as relações na escola e fora dela. Pois

A contribuição da escola na construção da democracia é a de promover os princípios éticos de liberdade, dignidade, respeito mútuo, justiça e equidade, solidariedade, diálogo no cotidiano; é a de encontrar formas de cumprir o princípio constitucional de igualdade, o que exige sensibilidade para a questão da diversidade cultural e ações decididas em relação aos problemas gerados pela injustiça social. (PCN Pluralidade Cultural, 2013, p.129)

Papel que nem sempre é fácil de ser cumprido. Como a população brasileira é etnicamente mestiça esta discriminação não deveria ocorrer, mas o que se percebe é a predominância de uma cultura branca que impõe sua estética, ideologia e projetos a uma população que não consegue se identificar com sua herança cultural negra e prefere se dizer branca, agir como branca e ser considerada branca apesar das inúmeras variantes de cor de pele, religião e cultura do Brasil

Assim, a criança, no convívio social, pode ser levada a cristalizar sentimentos e ideias racistas. Dada a sistemática dessas relações, pode paulatinamente, mesmo sem se dar conta, incorporar um modo de pensar e agir em relação aos grupos raciais, a ponto de tomar como seus valores e crenças que lhe foram transmitidos por outros. (CAVALLEIRO, 2013, p. 84)

Como desconstruir estes sentimentos e ideias racistas? Como permitir que a criança negra ou afro-descendente construa uma identidade positiva de si e de sua etnia se a sociedade, a família e a escola parecem querer ignorar as diferenças em favor de uma sociedade e cultura homogêneas? A questão inicial seria discutirmos o que seria esta identidade negra ou afro-descendente. Segundo Munanga

O conceito de identidade evoca sempre os conceitos de diversidade, isto é, de cidadania, raça, etnia, gênero, sexo, etc.. com os quais ele mantém relações ora dialéticas, ora excludentes, conceitos esses também envolvidos no processo de construção de uma educação democrática. (MUNANGA, 2013, p. 4).

Mas a construção desta identidade também tem múltiplas facetas que precisam ser percebidas.

A identidade é constituída de três dimensões interdependentes: a) identidade social – categorias e atributos que os outros conferem ao indivíduo; b) identidade pessoal – os dados e os itens biográficos; e c) identidade do eu – as concepções e sentimentos que o indivíduo adquire em relação a si. Essas são dimensões que constituem unidades em constante movimento. Assim, concebida como um processo dinâmico, a identidade possibilita a construção gradativa da personalidade no decorrer da existência do indivíduo. (CAVALLEIRO, 2013, p. 86)

Sendo assim, as crianças negras e afro-descendentes sofrem influências internas e externas para formarem sua identidade. A mídia, os colegas, a sociedade induzem a criança a deixar de lado a cultura e os valores da sua etnia em prol da cultura dominante. O preconceito e a discriminação começam com a criança rejeitando o seu corpo, sua cor, seu cabelo e progride para o desconhecimento de suas origens culturais, sua história, seus fazeres, seus saberes.

Munanga aponta que

nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou má percepção que os outros têm dela, ou seja, uma pessoa ou um grupo de pessoas pode sofrer um prejuízo ou uma deformação real se as pessoas ou sociedades que os rodeiam lhes devolverem uma imagem limitada, depreciativa ou desprezível deles mesmos. O não reconhecimento ou o reconhecimento inadequado da identidade do “outro” pode causar prejuízo ou uma deformação ao aprisionar alguém num modo de ser falso e reduzido. (MUNANGA, 2013, p. 05)

Sendo assim fica muito difícil para a criança formar uma identidade positiva de si se os adultos (sejam na família ou na escola) não lhe possibilitarem espaços para que esta identidade seja reconhecida, conhecida e apreciada. Assim, como estas ideias foram construídas elas devem e podem ser desconstruídas por meio de

Uma reflexão crítica em torno da questão étnico-racial se faz necessária em todos os setores e segmentos da sociedade, porém, de forma muito especial dentro da escola envolvendo todos os trabalhadores em educação e estudantes, pois sendo este um importante espaço de aprendizagem, é também um espaço que reproduz e reitera a ideologia racista na cultura da sociedade. É necessário tomar consciência dessa realidade para que se possa efetivamente fazer transformações e educar para a igualdade. (COQUEIRO, 2013, p. 33)

Logo, é papel da educação transformar a sociedade, utilizando todas as estratégias possíveis para valorizar o outro, a diversidade dentro e fora da escola. O compromisso do educador deve ser o de transcender seus próprios preconceitos e debater com transparência, respeito e afetividade um plano de ação que permita aos alunos transcender seus (pré)conceitos e perceber que a diversidade é o que há de melhor na cultura brasileira.

O PCN de pluralidade cultural aponta a discussão como um tema que deve ser tratado de maneira transversal, ou seja, em todas as disciplinas e afirma que

A criança na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela. Singularidades presentes nas características de cultura, de etnias, de regiões, de famílias, são de fato percebidas com mais clareza quando colocadas junto a outras. A percepção de cada um, individualmente, elabora-se com maior precisão graças ao Outro, que se coloca como limite e possibilidade. Limite, de quem efetivamente cada um é. Possibilidade, de vínculos, realizações de “vir-a-ser”. Para tanto, há necessidade de a escola instrumentalizar-se para fornecer informações mais precisas a questões que vêm sendo indevidamente respondidas pelo senso comum, quando não ignoradas por um silencioso constrangimento. (PCN Pluralidade Cultural, 2013, p. 123)

O “silencioso constrangimento” é uma das facetas das relações raciais na escola que, às vezes, nem é tão “silencioso” assim mas, com certeza, é constrangedor para aqueles que sofrem *bullying* por serem diferentes, terem culturas e religiões diferentes das que a suposta maioria branca professa e acredita. Para além do “silencioso constrangimento” do aluno temos a postura de alguns professores que preferem

a política de avestruz ou sentem pena dos “coitadinhos”, em vez de uma atitude responsável que consistiria, por um lado, em mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; e por outro lado, em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetada em detrimento de sua própria natureza humana. (MUNANGA, 2012 p. 15)

O papel do professor nesta relação deveria ser o de desconstrutor de preconceitos, aquele que, por meio das práticas pedagógicas, leva o aluno e a si mesmo, a refletir sobre

as posturas impensadas e fruto de uma ideologia etnocêntrica que reforça os projetos, pensamentos e estética brancos em detrimento do outro, da sua historicidade e sua luta para construir ou reconstruir uma identidade negra.

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável quando discutimos, nos processos de formação de professores, sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2013, p. 171)

Logo, o papel da escola não é esconder os conflitos mais percebê-los e agir sobre eles mostrando a todos os alunos que só podemos respeitar o outro, sua cultura, seus modos de pensar e agir se entendermos e conhecermos este outro. Para tanto o professor deve se capacitar e utilizar todas as formas de linguagem, tecnologias e instrumentos pedagógicos para construir uma relação melhor entre os alunos e a sociedade a partir da discussão de temas como a história do negro na África e no Brasil, suas lutas pela liberdade durante e após a escravidão, os indivíduos negros e afro-descendentes que foram e são personagens desta história, as diversas formas de contribuição cultural dos negros para o Brasil como na religião, artes, linguagem, literatura, culinária, dança, música, festas, etc.

A cultura brasileira se baseia no europocentrismo, dando ênfase as contribuições europeias a nossa formação histórico cultural e deixando de lado as contribuições de índios, negros e asiáticos. Daí a necessidade do ensino da história da África, da escravidão e das contribuições dos africanos e afro-descendentes na formação do Brasil. Cunha Junior ainda alerta que

Para introduzir a cultura afro-descendente, teremos de lidar com a dificuldade de sua amplitude e complexidade. Também com o fato de que as afro-descendências fazem parte das culturas brasileiras de diversas regiões e por vezes perderam as marcas identificadas como de base africana. Muito do que é cultura afro-descendente fica classificado como cultura popular no Brasil, e o popular é visto com desprezo, não é tratado e estudado como componente importante da nossa cultura. (CUNHA JR., 2013, p. 266)

Cabe ao professor se municiar de conhecimento e desenvolver práticas pedagógicas que permitam aos alunos de todas as etnias terem acesso à diversidade cultural brasileira, para isso ele não pode e não deve esquecer que o Brasil é múltiplo e que a proposta do estudo da história e da cultura africana e afro-descendente do Brasil não visa criar uma sociedade dicotomizada entre negros e brancos, mas permitir que todos se respeitem, se conheçam e interajam sem preconceitos ou discriminação, valorizando o que cada etnia contribuiu para a formação da cultura deste país.

4. Metodologia

Como metodologia utilizamos o levantamento e leitura de material bibliográfico do tema em livros, artigos, dissertações, teses e sites da internet. Após esta fase de aporte teórico procuramos elencar propostas pedagógicas sobre a diversidade e o combate a discriminação racial e construir exemplos próprios de estratégias e como aplicá-las no cotidiano da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nas propostas de práticas pedagógicas procuramos não nos limitar a uma forma de linguagem, mas adequá-la as necessidades e habilidades de cada faixa etária, ou seja, utilizar vários gêneros textuais visando contribuir para que o professor tenha uma gama maior de possibilidades para atuar junto ao seu aluno e, assim, possibilitar-lhes, independente se sua faixa etária, a oportunidade de questionar suas certezas e perceber que a convivência com outras formas culturais é rica em oportunidades de aprendizado e crescimento pessoal.

5. Projetos

Os quatro projetos que sugerimos são fruto de nossas leituras teóricas sobre o tema e da observação pessoal em estágios supervisionados ao longo do curso de Pedagogia.

A pedagogia de projetos deve

Aproxima-se da identidade dos alunos e favorecer a construção da subjetividade, longe de um prisma paternalista, gerencial ou psicologista, o que implica considerar que a função da escola não é apenas ensinar

conteúdos, nem vincular a instrução como aprendizagem. Revisar a organização do currículo por disciplinas e a maneira de situá-lo no tempo e nos espaços escolares. O que torna necessária a proposta de um currículo que não seja uma representação do conhecimento fragmentada, distanciada dos problemas que os alunos vivem e necessitam responder em suas vidas, mas, sim, solução de continuidade. Levar em conta o que acontece fora da escola, nas transformações sociais e nos saberes, a enorme produção de informação que caracteriza a sociedade atual, e aprender a dialogar de uma maneira crítica com todos esses fenômenos. (HERNANDEZ, 1998, p.61)

A pedagogia de projetos não é a solução final para os problemas da educação, mas permite ao professor ter uma abertura maior para trabalhar interdisciplinarmente com temas do cotidiano do aluno, aqueles que acontecem fora dos muros da escola e que interessam diretamente ao educando e a comunidade na qual ele está inserido. Neste processo o professor é apenas o facilitador, o mediador da aprendizagem pois cabe ao aluno a pesquisa, o levantamento de hipóteses, a resolução de problemas e a (re)construção do conhecimento.

5.1 Projeto 1

Tema: Bonequinha preta: vivendo e celebrando as diferenças

Público alvo: alunos da Educação Infantil

Introdução

Os alunos da Educação Infantil estão em uma fase de descobertas de si e do outro e alguns trazem de casa uma série de preconceitos que, apesar de ainda não estarem arraigados na criança, precisam ser desconstruídos pela escola.

Um dos temas que o professor de Educação Infantil pode tratar é da aparência e das diferenças entre as etnias por meio da montagem de um projeto sobre a bonequinha preta. Com este projeto o professor poderá mostrar aos alunos que as diferenças existem mais devemos respeitar todos os colegas independentemente da cor, da altura, do porte físico.

Justificativa

Na Educação Infantil é primordial que o professor trabalhe valores com seus alunos, sendo que a tolerância, o respeito ao outro e as diferenças devem fazer parte dos temas desenvolvidos em sala de aula.

O aluno de Educação Infantil não é uma “tábula rasa”, ele traz de casa conceitos e (pré)conceitos transmitidos pelos pais que devem ser discutidos e pensados na escola. Um destes preconceitos é o de raça, muitas crianças brancas não brincam com as negras porque os pais dizem que eles não devem se misturar, outras brigam com os colegas porque eles são negros ou ainda colocam apelidos que marcam a criança negra por toda a sua vida, tais como: cabelo de “bombril”, pretinho feio, etc.

Cabe à escola construir estratégias para que as crianças reconheçam que as diferenças existem, mas são elas que nos tornam mais interessantes, que permitem que sejamos amigos de todos pois podemos aprender muito com o outro, sua cultura e modo de viver.

Para conseguir este objetivo a escola pode montar um projeto a partir de um dos instrumentos de brincar mais conhecido e apreciado pelas crianças: a boneca ou o boneco, pois devemos levar em conta também a questão de gênero.

Objetivos

- a) Possibilitar aos alunos espaço para discutir sobre as diferenças entre as pessoas, ressaltando a necessidade de respeitar o outro e de ser amigo.
- b) Mostrar ao aluno que a estética branca não é a única que existe e que o negro, com sua cor, seu cabelo e seu modo de ver o mundo é uma das muitas culturas que existem no Brasil.

Desenvolvimento

1º momento:

Ler para as crianças o poema “Minha bonequinha preta”, de Cida Valadares (VALADARES, 2013):

Minha bonequinha preta

Cida Valadares

Minha mãe foi viajar
Com minha tia fui morar
Mas pedi um presente
Pois o natal ia chegar

Sonhei uma boneca de louça
Igual a outras que tinha
E que a doida da minha tia
Não me deixava brincar.

Minha mãe trouxe o presente
Espantei-me ao abrir
Era uma boneca preta
O que fez foi me assustar

Tinha os cabelos espetados
E a boquinha de carmim
A minha amiguinha preta
Dei o nome de Jasmim.

Após a leitura ouvir os comentários e a interpretação que os alunos farão do poema. Questionar os alunos se eles têm uma boneca ou boneco preto? Porque não? Será que a boneca preta é diferente das outras bonecas, como a boneca de louça? Por quê?

Levantar questões que levem os alunos a refletir sobre a menina que, inicialmente ficou com medo da boneca preta, depois de conhecê-la melhor fica amiga e brinca com ela. Nós também devemos ser amigos de todos independente da sua cor, tamanho ou jeito de ser.

2º momento:

Levar uma boneca e um boneco preto para a sala e propor aos alunos que construam a sua boneca ou boneco preto com material reciclado. Pedir aos alunos que coloquem nome em suas bonecas.

3º momento:

Fazer exposição das bonecas e bonecos pretos construídos e recontar o poema a partir da interpretação dos alunos.

Interdisciplinaridade

O projeto dialogará com Artes, Língua Portuguesa e os temas transversais de ética e cidadania, pois vai utilizar vários conceitos e habilidades destas disciplinas.

Avaliação

Perceber se os alunos conseguiram captar que existem diferenças entre as pessoas, mas que todos têm os mesmos direitos de brincar, ter amigos e ser respeitados.

5.2 Projeto 2

Tema: Conhecendo lendas e histórias do folclore relacionados à cultura afro-brasileira

Faixa etária: alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental

Introdução

A cultura brasileira é repleta de histórias, mitos e lendas derivadas da cultura afro que podem auxiliar o aluno afro-descendente a desenvolver uma imagem mais positiva de si e da contribuição de sua etnia para a cultura nacional.

Jabouille aponta que

o mito é uma narrativa (com ação e personagens memoráveis), cujo autor não é identificável (porque pertence ao patrimônio cultural coletivo), que tem como tema o fundo lendário, étnico e imaginário (com base na tradição), e que, ao ser geralmente aceito, se integra num sistema, na maior parte dos casos religioso, e, muitas vezes sob forma literária (oral ou escrita), agrupa-se e constitui-se em mitologia. (JABOUILLE, 1974 apud COELHO, 2013, p. 14)

A proposta deste projeto é utilizar as diversas lendas, mitos e histórias para levar o aluno a refletir sobre sua herança cultural.

Justificativa

As lendas, mitos e histórias folclóricas tem sempre uma perspectiva moral que podemos explorar e, em geral, são conhecidas e contadas às crianças pelos familiares, pela literatura e pela televisão. São os preceitos morais, as regras de conduta e a preocupação com a preservação da natureza introduzidos nas histórias que podem auxiliar na construção

Cadernos da Fucamp, v.13, n.18, p.143-167/2014. 155

de uma positividade para os afro-descendentes e na diminuição do preconceito por meio do conhecimento do outro. As histórias afro podem ser utilizadas como uma forma de construir uma identidade, de agregar e dar coesão a contribuição cultural afro a cultura brasileira.

Muitas narrativas poderiam ser utilizadas para iniciar o trabalho, mas propomos começar pela lenda do Saci Pererê, por ser mais conhecida em nossa região e possibilitar a oportunidade de incentivar o aluno a pesquisar sobre outras narrativas folclóricas.

Segundo a literatura a lenda do Saci Pererê faz parte do folclore brasileiro que surgiu no sul do país, e tem origem indígena, pois o nome vem da língua tupi-guarani. O saci foi representado, primeiramente, por um índio, mas ao longo do tempo ele passou a ser apresentado como um negrinho com apenas uma perna. Segundo algumas lendas, o saci perdeu a sua perna durante um jogo de capoeira utilizado pelos africanos. Outra de suas características atuais é possuir um gorro vermelho que lhe confere poderes mágicos e fumar um cachimbo. As características atuais do personagem podem servir de ponto de partida para discutir o racismo e o preconceito contra o índio, o negro e o deficiente.

A lenda do saci é uma das mais conhecidas da cultura brasileira tendo sido difundida pela literatura (Monteiro Lobato), pelas histórias em quadrinhos (Maurício de Souza e Ziraldo) e chegado à televisão em versões do Sítio do Picapau amarelo e da Turma do Pererê.

Objetivos

- a) Trabalhar diversas lendas, mitos e histórias com os alunos buscando desenvolver percepções morais, culturais e religiosas que apontem para a diversidade cultural brasileira.
- b) Construir uma identidade negra positiva junto aos alunos afro-descendentes.
- c) Diminuir o preconceito contra os negros por meio do conhecimento da sua rica contribuição a cultura brasileira.

Desenvolvimento do projeto

1º momento:

Contação de histórias sobre o Saci com o propósito de transformar o conhecimento de mundo do aluno agregando valores éticos e morais com responsabilidade social e respeito às diferenças, numa perspectiva livre de discriminação, preconceito e racismo. Mostrando aos alunos, por meio do personagem Saci, que todos tem direito a manifestar sua cultura e como a cultura afro é rica em histórias que influenciaram a cultura brasileira. Levar os alunos a pensarem sobre a lenda do Saci: Quem é o saci? Você conhece algum coleguinha ou pessoa adulta que não tem uma perna? Será que é fácil viver sem uma perna? Como devemos tratar aqueles que são diferentes de nós? Será que o Saci é mau ou apenas um menino travesso? Sendo o saci um menino negro o fato de ser mostrado como travesso/malandro tem algum significado cultural?

2º momento:

Propor que alunos façam uma pesquisa sobre outras lendas, mitos e histórias relacionadas à cultura afro como: Negrinho do pastoreio; Negro d'água, Quibungo, Pé de garrafa, Bumba meu boi, Iemanjá, São Jorge, etc.

Nesta pesquisa eles devem procurar saber em que época aproximada surgiu a história, em qual região do Brasil ela surgiu e onde ainda é mais conhecida, que mudanças esta história teve ao longo do tempo. Cada grupo deverá produzir um relatório escrito da pesquisa.

3º momento:

Apresentar a pesquisa em sala de aula por meio de vários recursos pedagógicos (contação de história, livro pop up, teatro, dança, etc.).

Discutir com os alunos quais são as mensagens morais, valores e ensinamentos das lendas, mitos e histórias trazidos pelos escravos africanos. Mostrar que estas narrativas hoje fazem parte da cultura brasileira e que devemos respeitá-las, aprendê-las e mantê-las vivas, pois nos permitem conhecer quem somos, como nos formamos e no que acreditamos. É importante enfatizar não só as questões morais que estas lendas trazem mas também a sua preocupação com a preservação da natureza.

Após a reflexão fazer uma exposição da pesquisa para toda a escola, para que os outros colegas possam ter acesso à diversidade cultural brasileira.

Interdisciplinaridade

O projeto demandará a interdisciplinaridade entre História, Geografia, Língua Portuguesa e Arte. Pois os alunos deverão levantar, aproximadamente, em que época surgiu a lenda, em que região ela surgiu, onde é mais conhecida e produzir um relatório escrito sobre a pesquisa. Além disso, deveram apresentar esta pesquisa a partir de recursos pedagógicos como contação de história, teatro, música, dança e para isso podem ser auxiliados pela disciplina de Arte.

Avaliação

Perceber se os alunos adquiriram novos conhecimentos por meio das lendas pesquisadas, se eles entenderam que as pessoas podem ser diferentes e que esta diferença contribui para o crescimento de todos.

5.3 Projeto 3

Tema: Construção de uma postura positiva pelo indivíduo afro-descendente perante uma sociedade rotuladora.

Público alvo: alunos do 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

Introdução

Por meio da leitura do livro “Neguinho aí”, de Luís Pimentel, propor o desenvolvimento de atividades que visem à construção de uma postura positiva do afro-descendente. A história em versos relata as possibilidades de vida de um afro-descendente que, estando inserido na sociedade preconceituosa, não deixa que os outros interfiram em sua trajetória descobrindo-se como negro e percebendo que até os brancos pobres são alvo de preconceito. O autor do livro aponta que

Neguinho aí é metido e desinibido. Para viver no mundo de hoje, é assim que as crianças devem ser. Esta história em versos traz um personagem que pode estar em qualquer centro urbano das cidades em desenvolvimento no mundo: uma criança que, independentemente de sua cor, precisa estar sempre atenta para sobreviver. Junte-se a este Neguinho aqui e viva com ele as suas aventuras. (PIMENTEL, 2009, p.30).

O personagem da história - o “Neguinho aí” - está em todo lugar, ele é comunicativo e perseverante, deve ter persistência e esperança, apresentando uma imagem positiva calcada na ética e cidadania. Dessa forma o personagem pode incentivar outros a refletir e espelhar-se em seu comportamento. Pimentel (2009, p. 22) menciona que

Neguinho aí,
meu neguinho,
não é só
o escurinho,
é também
o bem clarinho
que a sorte
não carimbou.

Ou seja, o Neguinho aí, na sociedade brasileira não é só o indivíduo de cor negra é também aqueles que, “clarinhos”, não tiveram a “sorte” de nascer com dinheiro suficiente e, portanto, também são rejeitados pela sociedade capitalista que mede a todos pelo que tem e não pelo que são.

Justificativa

A leitura do livro “Neguinho aí” mostra a identidade positiva de um afro-descendente que não se incomoda com as críticas e busca um desenvolvimento intelectual e moral frente a frente com o outro, às vezes, se comparando a um pássaro preto que leva sempre a boa nova na interrelação com os pares, na sua humildade, fazendo-o enxergar e ser receptivo às diferenças.

Mostra também a diversidade de situações que o afro-descendente enfrenta na sociedade em que vive, dependendo da sua postura frente ao mundo ele tem mais oportunidades e pode ser melhor aceito até do que o branco pobre. Assim, a situação financeira do indivíduo também influencia a forma como os outros o tratam, as oportunidades que tem e as possibilidades de acesso aos direitos básicos e a sua herança cultural pois

Neguinho aí
fala tanto,
neguinho aí
conta histórias,

nequinho aí
tem memória
mas não guarda
o seu saber. (PIMENTEL, 2009, p. 24)

A perspectiva é apontar ao aluno afro-descendente que ao se aceitar como negro ele pode desenvolver um modo de enfrentamento que desconstrua o olhar de preconceito da sociedade, transformando esse olhar discriminatório, negativo em reconhecimento do ser como ser, sem rotulação e, com o senso de afetividade e partilha no construto de sua identidade e respeito à sua cultura.

Objetivos

- a) Trabalhar a história com os alunos apresentando as várias facetas de como viver em sociedade respeitando as diferentes culturas.
- b) Possibilitar aos alunos a oportunidade de analisarem criticamente a sociedade por meio dos versos do livro.
- c) Desenvolver nos alunos o respeito pela diversidade cultural.

Desenvolvendo o projeto

1º momento:

Leitura do livro em sala com os alunos, explorando as imagens e as ideias presentes nos versos de Pimentel.

Os versos do livro são ricamente ilustrados e as imagens podem ser utilizadas como uma forma de entender e extrapolar os versos de Pimentel para que o aluno possa se questionar sobre quem afinal é o “Nequinho aí”? O que mora em uma casa aconchegante ou o que vive nas ruas? O que tem oportunidades, pois é membro da classe média ou aquele que não tem família, dinheiro e estudos? Estes e outros questionamentos devem permitir ao aluno perceber que precisa olhar para a realidade a sua volta e questionar quem é quem na sociedade.

Outro item a ser trabalhado é a forma como utilizamos o termo “nequinho”: quando e em que momentos utilizar o termo “nequinho” e outros semelhantes pode ser positivo ou negativo na construção da identidade dos afro-descendentes. O uso de apelidos, diminutivos e derivativos nominais é muito comum nas relações sociais brasileiras e pode

apontar para gestos de afetividade ou de discriminação a partir da forma, do tom, do local e de quem os usa. Dizer que uma menina é “neguinha” pode ser carinhoso ou denotar o preconceito de quem fala, tudo dependente da forma e da circunstância em que o termo é utilizado.

2º momento:

Utilizar os temas transversais de ética e cidadania para trabalhar a formação cidadã de inúmeros “neguinhos aí”, sabendo entrar e sair de qualquer lugar, participativo nas ações da comunidade, pois o personagem não espelha apenas uma única possibilidade de vida, mas mostra deste àquele que passa fome e cheira cola ao que tem família e vai a escola (PIMENTEL, 2009), quer estar “em todas” (PIMENTEL, 2009, p. 04) e ter acesso aos bens culturais e sociais tanto quanto qualquer cidadão, independente de sua cor, raça ou religião.

Discutir com os alunos a relação entre preconceito e situação sócio-econômica do indivíduo: será que o negro rico sofre o mesmo nível de preconceito do negro pobre? E o branco pobre passa pelas mesmas situações de discriminação que o negro pobre? Como a educação e o trabalho podem modificar situações de preconceito social, racial e cultural?

3º momento:

Desenvolver com os alunos um novo texto, que poderá utilizar de vários gêneros textuais (versos, prosa, quadrinhos, ilustrações, etc.) no qual eles expressem como veem o mundo a partir da perspectiva econômica, social e cultural de um “Neguinho aí”.

Interdisciplinaridade

O projeto em pesquisa perpassará as disciplinas de: História, Geografia, Língua Portuguesa, Ciências Exatas e Biológicas, Arte e os temas transversais. A partir do aporte teórico destas disciplinas serão discutidos temas como: ética, cidadania, pluralidade cultural, trabalho e consumo. Os temas transversais são o ponto de partida para as discussões em sala de aula, para que o projeto se desenvolva e envolva os alunos.

Avaliação

A partir das discussões em sala de aula e da confecção de um novo texto com um olhar diferenciado sobre a figura do negro na sociedade poderemos perceber se os alunos assimilaram os objetivos propostos e passaram a ter uma atitude de maior respeito para com a diversidade cultural da nossa sociedade.

5.4 Projeto 4

Tema: O Congado: manifestação cultural local trazida pelos escravos

Público alvo: alunos do 5º ano do Ensino Fundamental

Introdução

O Parecer CNE/CP 003/2004, de 10 de março de 2004, homologado pelo Ministro da Educação propõe, entre outras ações educativas, a “educação patrimonial, aprendizado a partir do patrimônio cultural afro-brasileiro, visando a preservá-lo e a difundi-lo”. (BRASIL, 2013) E é, nesse sentido que propomos o desenvolvimento de um projeto que tenha como tema o Congado, uma festa local trazida pelos escravos.

O Congado é um folclore brasileiro de origem europeia, com influência indígena e negra. Lendas dizem que quando a Virgem do Rosário foi trazida para o Brasil, de navio, no desembarque ninguém conseguia descer a imagem. Quando os negrinhos do congado chegaram com os atabaques é que a Virgem aceitou descer em terra. A devoção a essa Virgem é comum aos afro-descendentes que veem nela o símbolo da vida. Em quase toda cidade mineira o Congado faz parte das manifestações culturais dos grupos afro-descendentes que se organizam em vários grupos com danças, uniformes e ritmos diferentes.

Em Monte Carmelo essa manifestação era, originalmente, realizada na zona rural até que, no século XIX, foi construído o largo do Rosário (hoje Igreja do Rosário) em terreno doado pelo fazendeiro Romualdo Resende e sua esposa. Inicialmente, segundo dados da Casa da Cultura de Monte Carmelo, foi construída uma capela, em adobe, e depois, em alvenaria, com recursos da comunidade. (FESTA DO ROSÁRIO, 2013)

A festa de Nossa Senhora do Rosário é realizada no 1º domingo do mês de outubro e as festividades acontecem por um período de 10 dias. O primeiro dia de festa inicia-se às 06 horas da manhã, com a alvorada e a dança do Congo com o soar dos tambores,

chocalhos diversos e cantoria, repicar do sino na igreja e queima de fogos e, ao meio dia, hasteamento do estandarte de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, em um mastro de madeira enfeitado com papéis e fitas coloridos. Todos os dias, celebra-se a novena às 18:30 hs, repete-se a dança e a caminhada dos congadeiros. A festa é marcada por atividades sagradas e profanas que vão desde as novenas até o comércio de produtos diversos nas barraquinhas e bingos. No dia da festa, há a peregrinação da congada pelos arredores da igreja e procissão com as imagens dos santos às 18 horas. Após a celebração da missa dá-se o encerramento do evento com a benção final e a apresentação dos congadeiros, grupo a grupo homenageando Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, os padroeiros dos escravos. No dia seguinte, ao meio dia, os congadeiros se reúnem e dançam ao pé do mastro para agradecer e, em seguida, o mesmo é arriado e todos se despedem.

Justificativa

O intuito é mostrar aos alunos que o Congado é parte de um patrimônio cultural imaterial advindo da cultura afro que deve ser preservado e respeitado, independente da herança cultural e religiosa dos envolvidos. A festa do Rosário e São Benedito é uma tradição que envolve a dança dos congadeiros, ligada à tradição afro e as atividades da Igreja Católica, sendo, portanto, uma manifestação cultural derivada da religiosidade negra e branca. Além disso, a igreja de Nossa Senhora do Rosário, é um patrimônio histórico cultural municipal tombado e, portanto, deve ser preservado.

Os negros, ao serem trazidos como escravos para o Brasil, eram forçados ao batismo e a seguirem as tradições da Igreja Católica. Mas eles não esqueceram suas origens e, num gesto de resistência, faziam o sincretismo, ou seja, em público rezavam para os santos católicos mas em sua mente as imagens representavam os seus deuses. Eles criavam assim, diferentes estratégias para cultuar seus deuses; uma destas estratégias era se apropriar de uma festa católica e introduzir nela elementos da sua simbologia. Este é o caso da relação entre a festa de Nossa Senhora do Rosário (uma santa católica) e os congadeiros que a homenageiam com suas danças, músicas e simbologias africanas.

Para desenvolver este projeto o professor terá que contar com a ajuda da comunidade, pois Monte Carmelo não tem muito material local sobre o tema e, portanto, o levantamento de dados deverá ser por meio de história oral utilizando os membros da comunidade congadeira e os moradores do entorno da festa do Rosário.

Objetivos

- a) Apresentar aos alunos alguns exemplos da cultura imaterial trazida pelos africanos que são típicos da nossa região enfatizando a festa do Rosário e o Congado.
- b) Mostrar a importância de preservar a tradição da festa do Rosário.
- c) Comentar sobre os rituais que acontecem no decorrer da festa, em especial, os ligados ao Congado.
- d) Pesquisar sobre a festa ontem e hoje para que os alunos percebam que a cultura sofre modificações ao longo do tempo.

Desenvolvendo o projeto

1º momento:

Fazer um levantamento prévio com os discentes sobre a festa para diagnosticar o seu conhecimento sobre ela e o Congado, pois poderá haver entre eles alguém que tenha um congadeiro na família e assim passar mais informações por meio de entrevista, visita a sala ou questionário.

2º momento:

Fazer uma pesquisa sobre as origens do Congado no Brasil e na região. Em que cidades ele ocorre; com quais festas católicas ele está relacionado; os congadeiros são bem aceitos em todas as cidades? Em Monte Carmelo qual é a relação entre o Congado e o povo? Que tipo de instrumentos de som, atabaques, chocalho de mão, de tornozelo, triângulo, etc. os congadeiros utilizam? Qual a sua finalidade? O que significa os movimentos da dança no Congado? Estas e outras questões podem ser levantadas e pesquisadas junto à comunidade congadeira de Monte Carmelo.

3º momento:

Fazer uma pesquisa sobre a história da praça e da Igreja do Rosário: quando a atual Igreja foi construída? Porque ela se tornou patrimônio histórico municipal? Neste item o professor poderá ainda explorar o que é patrimônio histórico material e imaterial para que o aluno entenda a diferença entre eles.

Como a festa do Rosário começou? A festa de hoje é muito diferente da festa de antigamente? E a festa do Rosário é patrimônio histórico material ou imaterial de Monte Carmelo?

4º momento:

Fazer exposição das pesquisas, com fotos e painéis sobre o tema para que as outras turmas da escola possam aumentar seu conhecimento sobre uma das manifestações culturais mais conhecidas da cidade.

Interdisciplinaridade

O projeto envolverá as áreas de História, Geografia, Língua Portuguesa e Arte pois os alunos necessitam de conhecimentos e habilidades de entrevista, de montagem de painéis e fotos para apresentar os resultados das pesquisas. Também terão que dominar alguns conceitos de História e Geografia como patrimônio cultural material e imaterial.

Avaliação

Avaliar a pesquisa e se o aluno demonstrou interesse e compreensão sobre a tradição da Festa do Rosário e o Congado, observando se sua visão da cultura afro-descendente foi ampliada e se ele conseguiu discernir o patrimônio histórico material do imaterial.

6. Considerações finais

O desenvolvimento desta pesquisa e sua apresentação no III Seminário de Iniciação Científica da FUCAMP (19 e 20/11/2013) proporcionaram várias reflexões sobre o papel da escola na desconstrução do preconceito racial e na implementação da lei 10639/2003. A leitura teórica sobre o tema embasou a construção dos projetos apresentados neste relatório e permitiu que desconstruíssemos algumas de nossas ideias pré-estabelecidas sobre o tema.

Ao montarmos os projetos procuramos enfatizar a necessidade de o professor trabalhar o respeito pelo outro, a aceitação das diferenças no convívio em sociedade e o (re)conhecimento da importância da contribuição do negro à cultura brasileira. Respeitar a cultura afro-descendente é respeitar a própria memória genética uma vez que a maioria de

nós também tem a mesma descendência. Os projetos procuraram utilizar vários gêneros textuais e permitir a interdisciplinaridade para que a relação entre pesquisa, leitura e síntese fosse mais criativa e interessante para os alunos.

A escola necessita promover estratégias em espaços escolares e não-escolares para maior interrelação entre os grupos de etnias diferentes, dessa forma os educandos poderão se conhecer melhor e perceber que a cor da pele, religião, linguagem, situação econômica e outras singularidades são aspectos culturais que nos diferenciam mas que não devem sobrepor-se a essência do ser humano, ou seja, as relações entre os alunos devem se basear no respeito mútuo, na amizade e na afetividade sem discriminação de cor, raça, etnia ou religião.

Os projetos aqui apresentados podem e devem ser extrapolados para outros temas que propiciem aos alunos o conhecimento da importância do negro para a construção cultural do Brasil. Este conhecimento não deve ser construído de forma estanque, mas abranger várias áreas, possibilitando ao educando acesso a uma reflexão crítica, amadurecida e consciente sobre a cultura, a discriminação e a situação sócio-econômica atual do afro-descendente na sociedade brasileira.

7. Referências

BRANCO, Sandra. **Atividades com temas transversais**. São Paulo: Cortez, 2009. Oficinas aprender fazendo.

BRASIL. Parecer CNE/CP 003/2004, de 10 de março de 2004 <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Relações raciais no cotidiano escolar: implicações para a subjetividade e a afetividade. BRANDÃO, Ana Paula (org.). **Saberes e fazeres: Modos de ver**, vol. 1. Disponível em: http://www.uel.br/neaa/sites/default/files/ebooks/Caderno1_ModosDeVer.pdf> Acesso em: 14/01/2013.

CENSO 2010 mostra as características da população brasileira. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/07/02/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>> Acesso em: 11/07/2013.

COELHO, Maria do Carmo Pereira. **As narrações da cultura indígena na Amazônia: lendas e histórias**. Disponível em: http://www4.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/teses/Maria_carmo.pdf> Acesso em: 12/08/2013.

COQUEIRO, Edna Aparecida. **A naturalização do preconceito racial no ambiente escolar:** Uma reflexão necessária. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1838-6.pdf>> Acesso em: 20/03/2013.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Nós, afro-descendentes: história africana e afro-descendente na cultura brasileira. **História da educação do negro e outras histórias.** Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001432/143242por.pdf>> Acesso em: 10/01/2013.

FESTA DO ROSÁRIO de Monte Carmelo. Dados recolhidos na Casa da Cultura de Monte Carmelo em 20/08/2013.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as:** um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>> Acesso em 15/01/2013.

HERNANDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação:** Os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MUNANGA, Kabengele (org.) **Superando o racismo na escola.** Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4575.pdf>> Acesso em: 20/09/2012.

_____, _____. **Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania.** Disponível em: <<http://www.npms.ufsc.br/programas/Munanga%2005diversidade.pdf>> Acesso em 15/02/2013.

PAIXÃO, Marcelo. Desigualdade nas questões racial e social. BRANDÃO, Ana Paula (org.). **Saberes e fazeres:** Modos de ver, vol. 1. Disponível em: <http://www.uel.br/neaa/sites/default/files/ebooks/Caderno1_ModosDeVer.pdf> Acesso em: 14/01/2013.

PCN Pluralidade Cultural. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf>> Acesso em 14/01/2013.

PIMENTEL, Luís. **Neguinho aí.** Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

VALADARES, Cida. **Minha bonequinha preta.** Disponível em: <<http://www.artepoesia.nom.br/minhabonequinha/minhabonequinha.htm>> Acesso em: 10/09/2013.

